

REDIMIDOS NO AMOR
*Uma chave de leitura
para compreender a Carta aos Efésios*

Copyright © D. Basílio da Silva, OSB, 2023

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida,
sejam quais forem os meios empregados, sem a autorização
prévia e expressa do autor.

EDITOR
João Baptista Pinto

CAPA
Jenyfer Bonfim

PROJETO GRÁFICO/EDITORAÇÃO
Luiz Guimarães

REVISÃO
Do autor

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S578r

Silva, Basílio da, 1975-

Redimidos no amor [recurso eletrônico] : uma chave de leitura para compreender a carta aos Efésios / D. Basílio da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital, 2023.

Recurso digital ; 2 MB

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7785-914-6 (recurso eletrônico)

1. Bíblia. N.T. Efésios - Exegese. 2. Livros eletrônicos. I. Título

CDD: 227.506

23-87538

CDU: 27-248.52

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels. (21) 3553-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br

D. Basílio da Silva, OSB

REDIMIDOS NO AMOR
*Uma chave de leitura
para compreender a Carta aos Efésios*

LETR CAPITAL

Conselho Editorial

Série Letra Capital Acadêmica

Ana Elizabeth Lole dos Santos (PUC-Rio)
Beatriz Anselmo Olinto (Unicentro-PR)
Carlos Roberto dos Anjos Candeiro (UFTM)
Claudio Cezar Henriques (UERJ)
Ezilda Maciel da Silva (UNIFESSPA)
João Luiz Pereira Domingues (UFF)
João Medeiros Filho (UCL)
Leonardo Agostini Fernandes (PUC-Rio)
Leonardo Santana da Silva (UFRJ)
Lina Boff (PUC-Rio)
Luciana Marino do Nascimento (UFRJ)
Maria Luiza Bustamante Pereira de Sá (UERJ)
Michela Rosa di Candia (UFRJ)
Olavo Luppi Silva (UFABC)
Orlando Alves dos Santos Junior (UFRJ)
Pierre Alves Costa (Unicentro-PR)
Rafael Soares Gonçalves (PUC-RIO)
Robert Segal (UFRJ)
Roberto Acízelo Quelhas de Souza (UERJ)
Sandro Ornellas (UFBA)
Sergio Azevedo (UENF)
Sérgio Tadeu Gonçalves Muniz (UTFPR)
Waldecir Gonzaga (PUC-Rio)

Àquele que me criou e regenerou no Amor

Sumário

Prefácio	9
Introdução	11
Siglas e Abreviações	13
Capítulo 1 - O contexto da Carta aos Efésios	17
Éfeso, a cidade-mãe da Ásia Menor	17
A presença judaica em Éfeso	21
A presença cristã em Éfeso	24
Paulo e a Carta aos Efésios	27
Paulo, o autor da Carta: um problema em discussão	28
A relação entre a Carta aos Efésios e aos Colossenses	31
A relação entre a Carta aos Efésios e o <i>corpus paulinum</i>	33
A hipótese pseudepigráfica	35
A datação da Carta aos Efésios	37
A finalidade da Carta aos Efésios	39
A retórica literária da Carta aos Efésios	41
As características literárias da Carta aos Efésios	43
O problema da coerência literária da Carta	43
Os gêneros literários	44
As fontes literárias	45
A estrutura da Carta aos Efésios	47
Uma chave de leitura: a bênção inaugural (Ef 1,3-14)	52
O contexto da bênção inaugural	52
A delimitação textual	53
A composição da perícope	54
A crítica textual de Ef 1,3-14	57
Conclusão	61

Capítulo 2 - A análise da bênção inaugural.....	63
Declaração e motivo da bênção (v. 3)	63
A decisão divina pré-temporal em Cristo (vv. 4-6)	77
A dimensão histórico-cosmológica da redenção (vv. 7-10)	93
A comunidade cristã e o dom do Espírito (vv. 11-14).....	117
Conclusão.....	132
Capítulo 3 - A teologia que nasce do texto inspirado.....	135
O dom da eleição.....	135
A eleição dos fiéis por causa de Cristo	135
A filiação adotiva	140
A mediação de Cristo.....	143
O dom do amor.....	145
A importância teológica do amor	145
A dinâmica teológica da metonímia na bênção inaugural ...	150
O dom da redenção.....	153
A dimensão histórica da redenção	153
A dimensão escatológica da redenção	158
Os efeitos da redenção	160
Considerações finais.....	165
Índice Remissivo.....	169
Bibliografia	175

Prefácio

O que um texto de quase dois mil anos tem a nos dizer hoje? Qual a contribuição do pensamento paulino para o crescimento da Igreja do nosso tempo, à luz do Concílio Vaticano II e adornada por uma série de Papas que a enriqueceram nos últimos anos com sua santidade e seu saber?

Para responder a estas perguntas, o presente livro oferece-nos a análise exegético-teológica de Ef 1,3-14, que constitui a segunda parte da dissertação doutoral do autor, defendida na Universidade Gregoriana, em Roma.

A pesquisa que origina esta publicação nasce de uma paixão do autor, mas, ao mesmo tempo, de um trabalho árduo e meticuloso, próprio dos monges beneditinos. Aqui nos é apresentado um convite para desbravar o vasto horizonte exegético e teológico, não somente de um escrito paulino, mas de todo o pensamento pioneirístico do Apóstolo das Nações.

Atento ao contexto de sua época, inicialmente o autor considera o berço geográfico onde nasceu uma vigorosa comunidade paulina e a quem se dirige a Carta: a cidade de Éfeso, localizada na Ásia Menor e sua capital proconsular, que era um lugar de grande importância para o Cristianismo nascente. Teria a cosmopolita cidade de Éfeso, sendo essencialmente religiosa, acolhido o Evangelho paulino como mais uma novidade ou o teria inicialmente visto como “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1,16)?

Para o autor, a resposta não é unívoca. Sabe-se, porém, que Paulo habilmente utilizou as ferramentas necessárias para anunciar Cristo, cujo reflexo querigmático podemos admirar em sua Carta aos Efésios. Nela, o Apóstolo dos gentios se revela como um autor profundamente efésio: ele se exprime como um efésio para conquistar os efésios. Sendo também parte das Cartas da Prisão, ela nos oferece uma reflexão madura de Paulo que, provado pelos sofrimentos, frutificou em um rico testamento de grande valor literário, de consequências indelévels para a teologia cristã.

Todavia, Éfeso é também a cidade de João Evangelista. Sua presença e influência teológica foram colocadas em diálogo com o paulinismo aí presente e, certamente, a bênção inaugural da Carta aos Efésios transpira, a seu modo, o bom odor e a penetrabilidade teológica desses gigantes dos primórdios do Cristianismo.

Como companheiro beneditino, é com genuína alegria fraterna e gratidão que escrevo este prefácio ao meu muito respeitado confrade, D. Basílio da Silva, OSB. Meu próprio amor pelas Escrituras aumentou ao ler este livro. Estar presente na defesa de seu doutorado foi um momento de genuíno orgulho, quando os seus anos de estudo revelaram a profundidade de seu conhecimento e dedicação sincera a esta pesquisa.

Lembro-me dos passeios que fazíamos às tardes de Domingo, quando ele compartilhava comigo o entusiasmo e a convicção que o animavam na conclusão de sua pesquisa. Creio que serão muitos os que se beneficiarão desta leitura, e espero uma oportunidade de ouvir novamente D. Basílio falar de seu conhecimento sobre São Paulo e os outros textos da Sagrada Escritura. Foi um privilégio conviver com esse dedicado monge e sacerdote, e me alegra ver os frutos de seu trabalho agora disponíveis para muitos apreciarem. Qualquer pessoa que ler essas páginas reconhecerá a profundidade do pensamento de São Paulo e crescerá no amor pela Palavra de Deus.

Este livro pode, ainda, vir a preencher uma carência na literatura exegética e teológica no Brasil sobre Efésios, Carta bastante conhecida pelos leigos, particularmente pelo seu capítulo seis, a “armadura do cristão”. Essa obra contribuirá muito para o crescimento de uma consciência da necessidade dos estudos paulinos em um país continental, sobretudo para a elaboração de uma séria reflexão bíblica, teológica e pastoral.

Dom Gregory J. Polan, OSB

Abade Primaz da Confederação Beneditina

Roma, 8 de junho de 2023

Introdução

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (Ef 1,3). Com esta abertura solene, elaborada a partir da longa tradição bíblica de transmitir e acolher o dom da vida por meio da bênção, a Carta aos Efésios descortina ao seu leitor atento um amplo cenário adornado pela beleza do helenismo, a solidez do Império Romano e a fecundidade da revelação bíblica. Não poderia ser diferente ao tratarmos deste texto paulino, pois a obra reflete muito do seu autor!

Estudar a Carta aos Efésios hoje é voltar à fonte límpida da teologia cristã, deparando-se com o nascimento de um pensamento religioso e um vocabulário que fossem capazes de exprimir a novidade de Cristo, num período histórico que ansiava por uma vida realmente nova: a vida eterna.

Para tanto, é necessário ter em mãos uma chave de leitura que possa ajudar o leitor a penetrar na complexa realidade do século I d.C. e do pensamento de Paulo de Tarso. Nesse sentido, a contribuição exegética dos últimos dois séculos se mostra basilar, mas precisa ser apresentada ao leitor iniciante em modo acessível, assim como o estudioso já habituado à crítica acadêmica necessita se manter atualizado constantemente.

Fruto de uma década de pesquisa, neste livro considero como chave de leitura da Carta aos Efésios a sua bênção inaugural (Ef 1,3-14) não por acaso, mas convicto de que este texto é por demais significativo para cumprir esta missão, à luz do seu conteúdo retórico-literário e teológico, cujo crescente ecoar se dá em cada versículo até a conclusão epistolar.

Ao se iniciar um estudo, é necessário ter em mente o método a ser empregado: a análise da bênção inaugural da Carta aos Efésios é realizada utilizando, sobre o alicerce do método histórico-crítico, o método retórico-literário¹, um instrumento exegético sincrônico

¹ Cf. ALETTI, La *dispositio* rhétorique, p. 385-401; Id., La rhétorique paulinienne, p. 47-66; PITTA, Così “inesperto nell’arte retorica”?, 411-435; ROMANELLO, *Una legge buona ma impotente*; BIANCHINI, *L’analisi retorica*; SILVA; SOUZA, *Corpus paulinum*, p. 55-70.

adequado para deixar vir à tona o rico pensamento paulino. O exegeta age como quem distingue no horizonte infinito da Palavra de Deus o caminho a seguir. E, ao se tratar de um texto que abre a Carta aos Efésios, o estudo de cada palavra que compõe a bênção inaugural utilizada na literatura precedente, tem o objetivo de delimitar o seu significado e aplicação retórica em Ef 1,3-14, permitindo ao estudioso conhecer a extensão e a penetrabilidade do pensamento paulino.

A teologia que jorra do texto analisado é uma realidade inevitável. A sua expressão e comunicação em linguagem acadêmica não podem ser confundidas com o uso do termo teo-logia (com hífen!) empregado neste livro: este termo composto visa exprimir o “discurso sobre Deus”² no âmbito retórico-literário, não se confundido com a Teologia propriamente dita.

Ao fim do seu itinerário, as descobertas do leitor sobre a Carta aos Efésios apontam para uma única direção: a Palavra cresce com quem a lê!³ Assim, acertadamente se resume a experiência do encontro pessoal com o texto vivo da Palavra de Deus, um desafio que jamais perderá sua força e poder de sedução, também para nós, hoje.

² Cf. ALETTI, *Israël et la loi*, 10.

³ Cf. GREGOIRE LE GRAND, *Homélie sur Ezéchiel*, I,7,8.

Siglas e Abreviações

a.C.	antes de Cristo
Ag	Livro de Ageu
<i>al.</i>	<i>alii</i> (outros autores)
Am	Livro do Amós
Ap	Livro do Apocalipse
At	Atos dos Apóstolos
AT	Antigo Testamento
B.C.	Before Christ
BCE	Before the Common Era
CE	Common Era
Cf.	confira
Chr.	Christus
Cl	Carta aos Colossenses
d.C.	depois de Cristo
Dn	Livro de Daniel
Dt	Livro do Deuteronômio
Eclo	Livro do Eclesiástico
ed.	editor
Ef	Carta aos Efésios
Ex	Livro do Êxodo
Ez	Livro de Ezequiel
Fl	Carta aos Filipenses
Fm	Carta a Filemon
Gl	Carta aos Gálatas
Gn	Livro de Gênesis
Hb	Carta aos Hebreus
Id.	Idem
Is	Livro de Isaías
Jd	Carta de Judas

Jo	Evangelho de João
Jr	Livro de Jeremias
Js	Livro de Josué
Jt	Livro de Judite
Lc	Evangelho de Lucas
Lv	Livro de Levítico
LXX	Septuaginta
Mc	Evangelho de Marcos
Ml	Livro de Malaquias
Mq	Livro de Miquéias
Mt	Evangelho de Mateus
NA ²⁷	Novum Testamentum Graece – 27 ^a ed.
NA ²⁸	Novum Testamentum Graece – 28 ^a ed.
Ne	Livro de Neemias
Nm	Livro de Números
NT	Novo Testamento
Os	Livro de Oséias
Pr	Livro dos Provérbios
Rm	Carta aos Romanos
Sb	Livro da Sabedoria
séc.	século
Sl	Salmo
Tb	Livro de Tobias
TM	Texto Massorético
TN	Tradução nossa
Tt	Carta a Tito
v. / vv.	versículo / versículos
VV.AA.	vários autores
Zc	Livro de Zacarias
1Cor	1 ^a Carta aos Coríntios
2Cor	2 ^a Carta aos Coríntios
1Cr	1 ^o Livro das Crônicas

2Cr	2º Livro das Crônicas
1Jo	1ª Carta de João
2Mc	2º Livro dos Macabeus
1Pd	1ª Carta de Pedro
2Pd	2ª Carta de Pedro
1Rs	1º Livro dos Reis
2Rs	2º Livro dos Reis
1Sm	1º Livro de Samuel
2Sm	2º Livro de Samuel
1Tm	1ª Carta a Timóteo
2Tm	2ª Carta a Timóteo
1Ts	1ª Carta aos Tessalonicenses
2Ts	2ª Carta aos Tessalonicenses
κτλ.	καὶ τὰ λοιπά (etc.)
§ / §§	seção / seções

CAPÍTULO 1

O CONTEXTO DA CARTA AOS ÉFÉSIOS

Éfeso, a cidade-mãe da Ásia Menor

A rede de estradas e a localização marítima de cidades importantes do Império Romano favoreceram enormemente a proclamação do Evangelho no Mediterrâneo, pois possibilitavam a deslocação de pessoas e mercadorias com relativa facilidade, uma vez que eram asseguradas pela *pax romana*⁴. Tudo isso fez de Éfeso um fecundo campo missionário para Paulo.

A origem da cidade de Éfeso⁵, segundo o historiador Estrabão, se entrelaça com o conto mítico das amazonas que a fundaram e lhe deram nome. No entanto, historicamente a região costeira de Éfeso era, porém, já habitada por povos anatólicos, ou seja, os cários e léleges, que selaram um acordo de paz entre si, nas proximidades do templo da “Grande Mãe”, uma divindade adorada desde o século VII a.C. na Ásia Menor. A área do templo da “Grande Mãe” posteriormente chamada Ártemis era habitada desde o final da Idade do Bronze e as evidências arqueológicas também trazem à tona a presença micênica em Éfeso que remonta a 1400-1300 a.C.⁶

Entre 1100 e 1000 a.C. inicia-se uma nova etapa histórica para Éfeso, com a colonização jônica da cidade sob Androclo, filho do rei

⁴ Cf. SENECA, *De providentia*, 4,14; TREBILCO, *The Early Christians*, p. 17-18; DI BERNARDINO, *Missione*, p. 15-16; HOAG, *Decorum and Deeds*, p. 141.

⁵ A etimologia do topônimo Éfeso é incerta, pois pode derivar do nome da antiga cidade de Aphasas ou Apasas, nome de uma rainha amazona. Cf. LAALE, *Ephesus*, p. 3.

⁶ As amazonas foram um povo mítico caucasiano guerreiro, formado somente por mulheres, presente na mitologia grega e estabelecido na Ásia Menor. Viviam da caça e praticavam a arte bélica, praticando o culto a Ares e Ártemis. Cf. STRABON, *Géographie*, VII, 7,1-2; FERRARI, *Amazzoni*, p. 41; SAGONA; ZIMANSKY, *Ancient Turkey*, p. 285; BRACCINI, *Generi tecnici e marginali*, p. 932; MURPHY-O’CONNOR, *St. Paul’s Ephesus*, p. 8; FINEGAN, *The Archeology*, p. 153; GREAVES, *The Land of Ionia*, p. 101; BECKMAN, *The Religion of the Hittites*, p. 134.

ateniense Codro. Androclo é considerado pelos escritores gregos como “o fundador” de Éfeso. Nesta nova fase histórica, a Éfeso jônica localizava-se ao norte do monte Pion e os colonizadores gregos, adotando o culto da “Grande Mãe”, associaram-no ao culto da deusa grega Ártemis, de quem tomou o nome, mudando-o definitivamente. Éfeso passou a integrar a δωδεκάπολις (dodecápole) ou Liga jônica, período em que a cidade gozou de prosperidade por cerca de 500 anos. Este período de estabilidade econômica e autonomia política terminou com o início das invasões no século VI a.C., que duraram até o estabelecimento da *pax romana*. Creso, rei da Lídia, em 560 a.C. conquistou Éfeso e a destruiu, poupando apenas o templo de Ártemis, que foi cuidadosamente ampliado e embelezado. Creso também mudou a cidade para a parte sul do templo⁷.

A partir de 540 a.C. Ciro, ao conquistar Éfeso, anexou-a ao grande projeto de expansão imperial persa, inaugurando deste modo uma nova fase política e administrativa para a mesma. No campo religioso, o fato, sem dúvida, mais significativo se deu em 356 a.C. quando o efésio Erostratus incendiou o templo de Ártemis apenas para se tornar famoso. A tragicidade deste acontecimento histórico assinalou positivamente para os efésios a fase da grande reconstrução do templo levando-o, cerca de cem anos depois, a tornar-se uma das sete maravilhas do mundo, sendo visitado por Alexandre, o Grande, em 334 a.C., após conquistar definitivamente o império aquemênida, ao tomar posse de todo o domínio persa.

Uma vez sob a égide do helenismo Lisímaco, um dos diádocos de Alexandre, o Grande, em 301 a.C., ao assumir o poder sobre grande parte da Ásia Menor, foi responsável pela reestruturação urbanística de Éfeso, com base em um modelo helenístico regular, transferindo-a a um nível superior entre os dois principais montes efésios, Pion e Coressus. Lisímaco deu ainda a Éfeso uma configuração estratégico-militar, por meio de uma sólida fortificação, construindo um novo porto e povoando-a com imigrantes de Lêbedo e Cólofon⁸. Desta forma, a cidade entrou no grande movimento cultural e político do helenismo.

⁷ Cf. FINEGAN, *The Archeology*, p. 156; GREAVES, *The Land of Ionia*, p. 96; COOK, *The Eastern Greeks*, p. 199; VANSCHOONWINKEL, *Greek Migrations*, p. 121-130.

⁸ Cf. STRABON, *Géographie*, XIV, 1,21-22; KOESTER, *History, Culture*, p. 41-42; MA, *Antiochos III*, p. 114-119; DUSINBERRE, *King or God?*, p. 157; STEWART, *Hellenistic Art*, p. 162-163; WILL, *The Succession to Alexander*, p. 28-29; FERRUCCI, *I diadochi*, p. 177-185.

Devido à sua posição geográfica, Éfeso adquiriu um acentuado papel militar na região, a partir de 281 a.C., inserindo-se no contexto das lutas políticas na Ásia Menor helenística, principalmente entre o Império Selêucida e a dominação da dinastia atálica. Em 133 a.C., um evento inesperado marcou o futuro de Éfeso: os territórios da costa da Ásia Menor foram deixados por Átalo III de Pérgamo como herança à República Romana. Em 129 a.C., após a vitória sobre Eumenes III, Éfeso passou definitivamente ao poder romano como sua terceira maior cidade, depois de Roma e Alexandria. Tornou-se a capital da província senatorial da Ásia Menor, também conhecida como a “cidade-mãe”, por sua grande influência e por ser residência do governador, o procônsul⁹. No período da dominação romana, a população de Éfeso contou com 200.000 a 250.000 pessoas, sendo o maior centro comercial da Ásia Menor, com um porto e uma estrada, chamada Real, desde a época de seu construtor, Dario I, que ligava as mais importantes regiões do oriente ao ocidente asiático.

O eixo religioso e econômico da cidade era o templo e o respectivo culto à deusa Ártemis, considerada a protetora da cidade. Pouco se sabe sobre a forma do culto de Ártemis até o século I d.C., pois Estrabão apenas descreveu a festa anual de seu nascimento na própria Éfeso. O povo a honrava sob os títulos de Senhora, Salvadora, deusa do céu, Rainha do cosmo, a Maior, a Grande, a Santa e a Manifesta, atribuindo-lhe o domínio sobre os poderes cósmicos e os espíritos. O culto de Ártemis tinha o caráter de uma experiência sincrética, ligada à magia, amplamente praticada na cidade¹⁰.

Outras formas de culto religioso foram permitidas em Éfeso: desde o período da dominação de Alexandre Magno, o culto em homenagem ao imperador tomou inevitavelmente uma forma e expressão política, convivendo pacificamente com o de Ártemis. Mais tarde, no período da dominação romana, o culto imperial tornou-se

⁹ Cf. At 19,35-41; ARNOLD, *Ephesians*, p. 30; KOSMIN, *The Land*, p. 146-147; KOESTER, *History, Culture*, p. 22; DMITRIEV, *City Government*, p. 265; ADAMS, *The Hellenistic Kingdoms*, p. 34.

¹⁰ Cf. At 19,19; STRELAN, *Paul, Artemis*, p. 86-88; SHAU, *Theology as History*, p. 227-231; TREBILCO, *The Early Christians*, p. 22-25; IMMENDÖRFER, *Ephesians and Artemis*, p. 144-157.165-174; ROGERS, *The Mysteries of Artemis*; BAUGH, *Cult Prostitution*, p. 443-460; HOAG, *Decorum and Deeds*, p. 137-139.

verdadeiramente expressivo entre os anos 40 e 60 d.C. até o seu vértice entre 80 e 150 d.C. A figura do imperador, como expressão de um poder de caráter universal, unia em si o poder divino e humano de forma multifacetada. Assim, o culto imperial foi amplamente aceito pelos efésios que, associado com ele, também praticavam o culto a Roma, originado no mundo helenístico, encontrando na Ásia Menor um campo fértil para o seu desenvolvimento.

Esta homenagem ao imperador progrediu a ponto de associar à pessoa do imperador toda a expressão do império, fazendo dele o responsável pela *pax deorum*¹¹. Por esse motivo, a paz, pelo menos em sua forma religiosa, foi continuamente sustentada pela pessoa do imperador e, ao mesmo tempo, visivelmente homenageada por meio de representações monumentais, sendo frequentemente representado ao lado de Roma, Vitória, Pax, Salus, Telo ou Oikoumene, e coroado pela deusa Fortuna.

Em um decreto do ano 9 a.C. dirigido à Ásia Menor, o imperador Augusto foi celebrado como aquele que a providência havia dado ao império como salvador, que travou a guerra apenas para estabelecer a paz e a ordem no cosmo. A celebração do nascimento do imperador também ocorreu de forma semelhante à das demais divindades da Ásia Menor sem, até o momento, nenhuma evidência arqueológica que a distinguisse de outras festas politeístas ou que fosse mais destacada que as festas em honra de Ártemis.

Nas celebrações do culto imperial, realizava-se uma procissão, faziam-se sacrifícios de animais no respectivo templo (em Éfeso havia dois dedicados ao imperador) e as vestes coloridas indicavam a tonalidade da festa; praticavam-se jogos, executavam-se hinos apropriados e fazia-se uma oferenda de incenso. Esta devoção efésia foi recompensada por Domiciano, que declarou Éfeso uma cidade *neokóros* (νεωκόρος)¹². Havia também uma diversidade considerável

¹¹ Cf. STRELAN, *Paul, Artemis*, p. 98-104; DESILVA, *The "Image"*, p. 193-197; HOEHNER, *Ephesians*, p. 80-88; TREBILCO, *The Early Christians*, p. 30-37; DMITRIEV, *City Government*, p. 265; LOTZ, *The Homonoia*, p. 185-188; SALISBURY, *Paul's First Letter*, p. 85-86.

¹² O título νεωκόρος, que inicialmente foi dado àqueles que guardavam um templo famoso, foi estendido às cidades que prestavam uma especial honra ao imperador romano. Adriano concedeu a Éfeso seu segundo νεωκόρος imperial, entre 131 e 133 d.C.

de formas menores de culto, provenientes do mundo greco-romano e do Oriente, ligadas sincreticamente e de forma harmoniosa, como fruto do aspecto religioso do helenismo.

A presença judaica em Éfeso

A presença judaica em Éfeso já era muito antiga na época de Paulo, considerando que o território da Ásia Menor tinha íntimas relações geográficas e culturais com todo o Crescente Fértil. Josefo testemunha sobre esta presença iniciando-se durante o reinado de Antíoco III (222 a.C. a 187 a.C.). Este, em uma carta a Zeusi, governador da Lídia, ordenou o deslocamento de 2.000 famílias judias da Mesopotâmia e da Babilônia para a Frígia e a Lídia¹³ (210 a.C. a 205 a.C.). A partir deste período, o constante crescimento da população de origem judaica favoreceu a sua expansão para várias cidades da Ásia Menor, chegando a Éfeso nas décadas seguintes. Esse movimento de expansão atingiu o seu ápice entre os anos 49 a.C. e 2 d.C.¹⁴

As comunidades judaicas da Ásia Menor concentravam-se sobretudo nas grandes cidades, banhadas pelo mar e, portanto, com um movimento comercial que lhes permitisse a comunicação com outras comunidades no Mediterrâneo e também sua sobrevivência econômica. Além disso, os judeus da Ásia Menor viveram imersos na cultura helenística da diáspora, usando sua estrutura para expressar tanto os preceitos de sua religião quanto o modo de vida específico que dela deriva.

Nesse contexto, os judeus utilizavam a sinagoga – mais conhecida, nos círculos egípcios e asiáticos, como προσευχή, isto

e, somente mais tarde, o imperador Caracala concedeu, oficial e excepcionalmente, o νεοκόρος de Ártemis a Éfeso. Cf. KOESTER, *History, Culture*, p. 156-159; FRIESEN, *Twice Neokoros*, p. 56-58; BRENT, *Luke-Acts*, p. 412-418; MIKALSON, *Greek Religion*, p. 208-222; CAULLEY, *The Title Christianos*, p. 198-202; DMITRIEV, *City Government*, p. 266-267; MILLER, *The Imperial Cult*, p. 320-327; THEOPHILOS, *Ephesus*, p. 299-331.

¹³ Cf. FLAVIO GIUSEPPE, *Antichità giudaiche*, XII, p. 147-153; TREBILCO, *Jewish Communities*, p. 5-7; MA, *Antiochos III*, p. 63; SEEMAN; MARSHAK, *Jewish History*, p. 36-37.

¹⁴ Cf. HEGERMANN, *The Diaspora*, p. 145-146; NOBILE, *Linee di continuità*, p. 8; TREBILCO, *Asia Minor*, p. 392.

é, (casa de) oração¹⁵ – local de encontro para a prática religiosa nos dias de sábado, as festividades do calendário judaico e como local de estudo da Sagrada Escritura. Organizados politicamente sob a forma de póliteuma (πολίτευμα), possuíam os direitos civis comuns agregados ao aspecto religioso judaico, formando seu próprio tribunal judiciário, e o direito de ter sua própria escola. Neste caso, a legislação do Pentateuco foi aplicada nas comunidades judaicas da Ásia Menor de forma independente. Esta estrutura política era gerida por um grupo de anciãos, presidido por um chefe (ἄρχων), formando, *mutatis mutandis*, uma autêntica cidade¹⁶.

A expansão do domínio romano, a partir de 30 a.C. para a parte oriental do Mediterrâneo, teve uma forte influência na vida das comunidades judaicas asiáticas. A antiga política de tolerância de Júlio César foi estendida pelo imperador Cláudio às demais comunidades judaicas do império. Nesse período histórico, os judeus asiáticos tinham o direito de construir novas sinagogas, de se reunir aos sábados e festividades, de isenção da vida militar e até o direito de recolher a taxa destinada à manutenção do Templo de Jerusalém.

Para evitar perturbações sociais decorrentes da separação religiosa e ética dos gentios, aos judeus foi reconhecido o caráter sagrado de suas Escrituras e da taxa para o Templo, sob pena de sacrilégio (*sacrilegium*). Com este *modus operandi* Cláudio preservou a estrutura fundamental da antiga *πολίτευμα*, agora aplicada às minorias étnicas em favor da unidade do império¹⁷.

¹⁵ Apesar das evidências literárias nos Atos dos Apóstolos (cf. At 18,19; 19,8-9) não foram descobertos ainda vestígios arqueológicos que confirmem a existência de construções usadas como sinagogas na cidade de Éfeso. Cf. TREBILCO, *The Early Christians*, p. 38-48; HEGERMANN, *The Diaspora*, p. 151-154; BLÖDHORN; HÜTTENMEISTER, *The Synagogue*, p. 268-270; LEVINE, *Synagogues*, p. 1261-1263; COHEN, *The Temple and the Synagogue*, p. 298; BEN ZEEV, *Jews among Greeks and Romans*, p. 370-373; GOODMAN, *A History of Judaism*, p. 64-65; DI BERNARDINO, *Missione, conversione*, p. 47.

¹⁶ FLAVIO GIUSEPPE, *Antichità giudaiche*, XIV, p. 117-118, cita um modelo deste existente no Egito. Cf. TREBILCO, *Jewish Communities*, p. 167-172; HEGERMANN, *The Diaspora*, p. 159-161; SMALLWOOD, *The Diaspora*, p. 177-179; GRUEN, *Judaism in the Diaspora*, p. 101-102.

¹⁷ Esta política de tolerância teve início com uma carta de Júlio César, enviada na segunda metade de junho do ano 47 a.C., ao povo de Sidon, referindo-se a João Hircano II, etnarca dos judeus naquele tempo. Mais tarde, um decreto de César concedeu aos

A *pax romana* desempenhou um papel vital no desenvolvimento da tríplice estrutura judaica (social, política e econômica), que o sistema judiciário tripartido do império permitiu viver com liberdade e de forma estável as prescrições do Pentateuco. Em um primeiro nível havia o círculo mais amplo da legislação comum a todos os cidadãos do império; em um segundo nível, a legislação restrita a uma área ou província do império que concedia privilégios locais aos judeus; o último nível incluía o círculo restrito de observância do Pentateuco e das outras leis da tradição oral. As características de nuance bíblico-jurídico forneceram aos judeus da Ásia Menor os sinais distintivos de sua pertença étnica e religiosa entre os gentios, baseados na circuncisão, na observância do sábado, nas normas alimentares, nas celebrações religiosas e na exclusão do casamento com os gentios¹⁸.

Desta forma, isso não significa que viviam completamente isolados. Um primeiro nível de integração cultural judaica é a adoção de nomes helenísticos, fato que indica um movimento concreto de adaptação sociocultural. Em um segundo nível, alguns deles também possuíam a cidadania romana, o que lhes permitia ocupar cargos importantes na vida da cidade, na esfera civil e comercial, exercer a profissão pública de médico, participar da vida cultural¹⁹ e ter relações sociais que garantissem a assistência de benfeitores²⁰.

judeus de Paros e Delos os mesmos privilégios concedidos aos judeus romanos. Estes privilégios foram estendidos mais tarde à Ásia Menor e diziam respeito à permissão de reunir-se em assembleia, de celebrar o culto sinagoga, de ser isentos do serviço militar (enquanto impedimento de observar o sábado) e de recolher a taxa para o Templo de Jerusalém. Cf. FLAVIO GIUSEPPE, *Antichità giudaiche*, XIV, 190-195.211-216; 223-264; XVI, 162-173; P. TREBILCO, *Jewish Communities*, p. 10-20; E.M. SMALLWOOD, «The Diaspora», p. 168-179; M. P. BEN ZEEV, «Jews among Greeks and Romans», p. 246-248; E. J. SCHNABEL, «Jewish Opposition», p. 243-245.

¹⁸ Cf. BARCLAY, *Jews*, p. 279.402-442; SCHNABEL, *Jewish Opposition*, p. 243-245.
¹⁹ Cf. ARNOLD, *Ephesians*, p. 37; MURPHY-O'CONNOR, *St. Paul's Ephesus*, p. 84-85; BARCLAY, *Jews*, p. 274, nota 36; HARLAND, *Honouring the Emperor*, p. 107-110; RAJAK, *The Synagogue*, p. 146-147; BEN ZEEV, *Jews among Greeks and Romans*, p. 244-245; WILLIAMS, *Jews*, p. 363-367;382-387. Tal inserção cultural é exemplificada pela inscrição do Teatro de Mileto assinalando os lugares reservados aos judeus, fato que traduz a participação social em seu ambiente. Cf. TREBILCO, *Jewish Communities*, p. 173-183; DI BERNARDINO, *Missione, conversione*, p. 48.

²⁰ Na sinagoga de Acmonia da Frígia honrava-se uma grande benfeitora da comunidade judaica, Júlia Severa, que lhe construiu a sinagoga. Esta benfeitora exercia importantes encargos locais, tais como sumo sacerdotisa (ἀρχιέρεια) do culto imperial e dirigente dos jogos públicos. Cf. ASCOUGH; HARLAND; KLOPPENBORG, *Associations*, p. 93;

Um outro aspecto do judaísmo na Ásia Menor é digno de nota: como em toda aquela região, a comunidade judaica de Éfeso também conhecia os chamados “teementes a Deus”, ou seja, gentios que professavam a fé de Israel e praticavam alguns aspectos da observância judaica. Eles podiam participar da sinagoga, isto é, a προσευχή, e adotaram as práticas que lhes eram permitidas, como a observância do sábado e das regras alimentares. Os teementes a Deus ouviram o anúncio do Evangelho em um contexto urbano onde, naturalmente, as novidades no campo religioso não eram incomuns²¹.

A presença cristã em Éfeso

As cidades da Ásia Menor estavam ligadas entre si por meio de uma rede estradal que Paulo levou imediatamente em consideração no processo de evangelização daquela região, sem negligenciar o aspecto evangélico do mandamento de Jesus de anunciar o Evangelho, antes de tudo, aos judeus. No *corpus paulinum*, Éfeso aparece inicialmente em 1Cor 15,32, como o lugar onde o Apóstolo lutou contra as “feras”, uma metáfora que ilustra os embates que enfrentou pelo Evangelho e de onde escreveu a Primeira Carta aos Coríntios (1Cor 16,8)²². Também em 1Tm 1,3 e 2Tm 1,18 Éfeso aparece como lugar de trabalho apostólico e de uma dedicação prolongada de Paulo, sem dar outras informações, por exemplo, sobre a composição e situação dos fiéis nesta cidade. Entretanto, o anúncio da mensagem de Cristo em Éfeso teve um ponto de partida indubitavelmente prepaulino, ilustrado pelos Atos dos Apóstolos ao tratar do grupo de discípulos de João Batista que ali estavam (At 19,1-7)²³.

HARLAND, *Greco-Roman Associations*, p. 150-153; TREBILCO, *Jewish Communities*, p. 58-60; LEVINE, *The Hellenistic-Roman Diaspora*, p. 1008-1009; RAJAK, *The Synagogue*, p. 143-149.

²¹ Cf. FLAVIO GIUSEPPE, *Antichità giudaiche*, XIV, p. 110; VAN DER HORST, *Saxa judaica loquuntur*, p. 41-42; TREBILCO, *Jewish Communities*, p. 147-164; GRUEN, *Judaism in the Diaspora*, p. 110-112.

²² Cf. STRELAN, *Paul, Artemis*, p. 295-297; DUNN, *Beginning from Jerusalem*, p. 784; DI BERNARDINO, *Missione, conversione*, p. 24-27.

²³ Os Atos fornecem elementos importantes que confirmam a presença da comunidade judaica, bem como a presença de Paulo em Éfeso (cf. At 19,1-20,1). Em sua terceira viagem missionária viveu ali por aproximadamente dois anos e três meses, entre os anos 52 e 54 ou entre 55 e 57. Após uma primeira e breve estadia (At 18,18-21) na companhia

Na Carta aos Efésios emergem alguns elementos relativos à composição dos destinatários, pertencentes tanto ao grupo dos judeu-cristãos (Ef 1,12) como ao dos étnico-cristãos (Ef 2,11-12; 3,1,6; 4,17), unificado em Cristo (Ef 2,11-22). De fato, o quadro mais multifacetado é o dos étnico-cristãos que proviam do culto de Ártemis e da prática religiosa helenística comum, incluindo a magia (At 19,18-19), e do grupo dos tementes a Deus²⁴.

A dimensão eclesial dos fiéis efésios era estruturada sobre uma base ministerial que contava com cinco funções, elencadas em Ef 4,11 (καὶ αὐτὸς ἔδωκεν τοὺς μὲν ἀποστόλους, τοὺς δὲ προφήτας, τοὺς δὲ εὐαγγελιστάς, τοὺς δὲ ποιμένας καὶ διδασκάλους), sem pretender, com isto, descrever toda a dinâmica interna da comunidade, como se pode deduzir da comparação com as outras listas ministeriais paulinas (Rm 12,6-8; 1Cor 12,28)²⁵. A mensagem evangélica penetrou na estrutura social de Éfeso, sem produzir nela nenhuma revolução. Essa mensagem trouxe, ao mesmo tempo, uma verdadeira mudança na motivação e na qualidade das relações entre os fiéis, provenientes de diferentes níveis sociais. Partindo do núcleo da sociedade – segundo o modelo literário conhecido na antiguidade – Paulo elaborou um “código doméstico” para as famílias cristãs (Ef 5,21–6,9)²⁶. Entre os que abraçaram o evangelho

de Priscila e Áquila, Paulo partiu para Cesaréia, retornando à Ásia Menor pela Frígia (At 18,23–19,1). De regresso a Éfeso, a sua atividade missionária incluiu o batismo dos discípulos de João Batista (At 19,1-7), a pregação na sinagoga local, durante três meses, e a consequente adesão dos discípulos ao Evangelho. Após a recusa de alguns judeus diante da pregação de Paulo na sinagoga, ele retirou-se para a escola de Tirano (At 19,8-10), permanecendo ali dois anos, de onde pregou publicamente o Evangelho, bem como pelas casas, isto é, κατ'οἴκου (At 20,20). Entre as provações que teve de enfrentar na cidade (At 20,19.23), a mais conhecida foi a revolta dos ourives de Ártemis, descrita em At 19,23-40, que reforçou a decisão do Apóstolo (At 19,21-22) de partir para a Macedônia (At 20,1). Cf. KOESTER, *History and Literature*, p. 120-122; PENNA, *Lettera agli Efesini*, p. 20; TELLBE, *Christ-Believers in Ephesus*, p. 22-30.76-83; DUNN, *Beginning from Jerusalem*, p. 749-780; WILLIAMSON, *Ephesians*, p. 15-17; HOOKER, *Artemis of Ephesus*, p. 37-46; NOGUEIRA, *Cristianismos en Asia Menor*, p. 122-126.

²⁴ Cf. STRELAN, *Paul, Artemis*, p. 105-118; TREVETT, *Asia Minor and Achaea*, p. 317; RAJAK, *The Jewish Diaspora*, p. 64-65; MITCHELL, *Gentile Christianity*, p. 104-105; RINALDI, *Cristianesimi nell'antichità*, p. 92; ROGERS, *An Ephesian Tale*, p. 80.

²⁵ Cf. PENNA, *Lettera agli Efesini*, p. 190-192.

²⁶ Cf. ALETTI, *Saint Paul: Épître aux Éphésiens*, p. 266-269; MOUTON, *Reimagining Ancient Household Ethos?*, 163-165.172-177; BELZ, *Proper Household Relations*, p. 227-229.238-241; MUTTER, *Ephesians 5:21-33*, p. 7-19.

de Cristo, havia também escravos e senhores, a quem Paulo dirige igualmente sua exortação em Ef 6,5-9.

A presença e ação paulina em Éfeso não poderia ignorar o elemento básico da οἶκος (At 20,20; 1Cor 16,19), que se tornou o *locus* privilegiado do ensino do Apóstolo. Por isso a οἶκος, como primeiro espaço físico da formação cristã, merece atenção, pois no contexto histórico do século I d.C., possuir uma οἶκος implicava um nível econômico pouco comum. Paulo encontrou junto a Tirano a estrutura necessária para a evangelização de Éfeso, ensinando gratuitamente a um número cada vez maior de pessoas. A partir daquele momento, a οἶκος tornou-se o espaço vital para a continuidade da comunidade dos fiéis, não só em Éfeso, mas em todas as comunidades do império²⁷.

A ação evangelizadora de Paulo em Éfeso produziu resultados interessantes em comparação com outras comunidades por ele evangelizadas. Sua presença prolongada nesta cidade expressa a aceitação de sua pregação evangélica, apesar de ser rejeitada por alguns membros da comunidade judaica local, e o fato de dirigir-se aos gentios não é resultado de uma recusa generalizada dos judeus de Éfeso à sua pregação. Consequentemente, Paulo não saiu da cidade devido às tramas dos adversários, como em Antioquia e Tessalônica, mas após prometer o seu retorno²⁸.

²⁷ Cf. TELLBE, *Christ-Believers in Ephesus*, p. 75; DI BERNARDINO, *Missione, conversione*, p. 28-29; TREBILCO, *Studying "Fractionation"*, p. 300-302; MEEKS, *Social and Ecclesial Life*, p. 151. Por sua vez, BILLINGS, *From House Church*, p. 541-551, enumera as três fases do desenvolvimento da arquitetura cristã, a saber: 1. A οἶκος *ecclesiae* (50-150 d.C.): nesta fase os cristãos se reuniam nas casas particulares de algum membro da comunidade ou de um benfeitor; 2. A *domus ecclesiae* (150-250 d.C.): a οἶκος *ecclesiae* torna-se um espaço dedicado exclusivamente ao culto; 3. A *aula ecclesiae* (250-313 d.C.): grandes espaços públicos (como as basílicas imperiais) passam para o uso do culto cristão.

²⁸ Cf. SHAUFG, *Theology as History*, p. 168.

Paulo e a Carta aos Efésios

“Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, aos santos que estão (em Éfeso)²⁹ e aos fiéis em Cristo Jesus” (Ef 1,1). O remetente da Carta aos Efésios apresenta-se com o nome de Paulo, o Apóstolo dos gentios, então conhecido como fundador de outras comunidades de fiéis, por exemplo, em Corinto (1Cor 4,15), na Galácia (Gl 4,19), em Filipos (Fl 1,4-6.24-26) e em Tessalônica (1Ts 2,11). A forma de apresentação do remetente em Ef 1,1 assemelha-se às de 2Cor 1,1a e Cl 1,1a, sem, contudo, acrescentar o nome de um coadjutor como, por exemplo, em Rm 1,1, Gl 1,1 e na deuteropaulina³⁰ 2Tm 1,1a. Segundo a evidência interna do texto, o único remetente da Carta aos Efésios é reconhecido como Paulo (Παῦλος), que aparece pela segunda vez em Ef 3,1³¹.

O remetente, todavia, dá a conhecer aos leitores-ouvintes da Carta outras características sobre a sua pessoa. Em Ef 3,1 ele se apresenta na condição de “o prisioneiro de Cristo” (ὁ δέσμιος τοῦ Χριστοῦ), expressão que enfatiza a sua condição de prisioneiro (Ef 4,1), destacando mais um título paulino na Carta aos Efésios, sucessivo ao de apóstolo (ἀπόστολος) em Ef 1,1. Paulo encontra-se na condição de “prisioneiro” em razão do seu ministério apostólico

²⁹ O complemento de lugar “em Éfeso” (ἐν Ἐφέσῳ) está ausente no P⁴⁶, κ, B, 6, 1739. A isso se acrescenta o caráter impessoal da Carta aos Efésios e a designação de Marcião como a “Carta aos Laodicenses”, o que deu origem à hipótese de que a Carta aos Efésios é uma carta circular. No entanto, o texto crítico de NA²⁸ mantém esta variante textual presente em todos os outros códices como κ², A, B², D, F, K, L, P, Ψ, 33, 81 *et al.* No entanto, a discussão entre os especialistas ainda está aberta. Ver também METZGER, *A Textual Commentary*, p. 532; BEST, *Ephesians*, p. 11-16; ARNOLD, *Letter to the Ephesians*, p. 243-245; ALETTI, *Saint Paul: Épître aux Éphésiens*, p. 42; BIGUZZI, *Efesini*, p. 348-349; HULTGREN, *2Cor 6.14–7.1*, p. 52-55; THIELMAN, *Ephesians*, p. 12-16; HARDING, *Disputed and Undisputed*, p. 132.138-139.

³⁰ As Cartas paulinas são divididas em três categorias: protopaulinas, deuteropaulinas e tritopaulinas ou pastorais. As Cartas protopaulinas são aquelas cuja autoria paulina não é posta seriamente em discussão; as deuteropaulinas são aquelas cuja autoria paulina ainda é objeto de discussão por parte dos especialistas; as tritopaulinas ou pastorais são as que tem a autoria paulina seriamente questionada. Contudo, esta discussão sobre a autoria paulina de uma Carta não diz respeito minimamente à sua inspiração divina.

³¹ Cf. ALETTI, *Saint Paul: Épître aux Éphésiens*, p. 40-41; MUDDIMAN, *The Epistle to the Ephesians*, p. 57; PENNA, *Lettera agli Efesini*, p. 73-74.155-166; FOWL, *Ephesians*, p. 32.